

DA ANIMALIDADE À HUMANIDADE: ONTOLOGIA NA OBRA DE MIKHAIL BAKUNIN

Luciana Brito

Graduanda em Filosofia da UNESP

Resumo: Os questionamentos acerca da origem e ordem do mundo e da razão de ser de todas as coisas existentes são parte fundamental das elaborações teóricas de um sem número de pensadores, dentre eles, Mikhail Bakunin. No presente artigo, nos propomos a fazer um breve resgate dos elementos que fundamentam filosoficamente a teoria desse importante pensador russo do século XIX, em especial os debates sobre os conceitos elementares de natureza e sociedade e sua inter-relação, buscando contribuir minimamente para o resgate e a difusão de sua filosofia materialista.

Palavras-chave: Bakunin. Materialismo. Naturalismo. Ontologia.

Résumé: Les questions concernant l'origine et l'ordre du monde et de la raison d'être de toutes les choses existantes est la partie fondamentale des élaborations théoriques d'un sans nombre de penseurs, parmi lesquels, Mikhail Bakunin. Dans l'article présent, nous avons l'intention de faire un bref rescousse des éléments qui basent la théorie philosophique de ce important penseur russe du siècle XIX, particulièrement les débats sur les concepts élémentaires de nature et société et son relation réciproque, en cherchant contribuer au minimum por le sauvetage et la diffusion de sa philosophie matérialiste.

Mots-clés: Bakunin. Matérialisme. Naturalisme. Ontologie.

Introdução

Em 1864, durante sua estadia na Suécia, Bakunin elabora três documentos que versam sobre as bases teóricas, o modelo organizacional e o programa de uma organização revolucionária clandestina de caráter internacional. Dentre eles, destaca-se o *Programa de uma sociedade internacional secreta da emancipação da humanidade*,

que delinea os princípios filosóficos e políticos em torno dos quais essa aliança de revolucionários deveria se orientar.

Alguns anos mais tarde, Bakunin dirige-se para França – inflamada pela Guerra Franco-Prussiana e pela insurgência dos trabalhadores - e, em 1871, começa a redação de um manuscrito intitulado *Considerações filosóficas sobre o fantasma divino, o mundo real e o homem*,¹⁸ no qual desenvolve de maneira mais aprofundada os debates filosóficos que já apareciam de maneira germinal em seus escritos anteriores, sistematizando uma filosofia materialista, crítica à teologia, à especulação metafísica, ao positivismo e a toda forma de idealismo.

Esses dois escritos servirão como base de nosso estudo orientado para a compreensão dos elementos ontológicos presentes na filosofia de Bakunin. Partimos aqui de uma concepção que entende a ontologia como a teoria da natureza, da realidade e da existência dos seres.

O pensador russo é categórico sobre o ponto de partida da investigação filosófica – para se construir um conhecimento profundo e completo acerca da lógica do mundo e dos seres é preciso partir de sua existência real, do estudo dos detalhes que os compõem, dos fatos e fenômenos que fazem parte de sua constituição e das relações de causalidade que estabelecem.

O que é a verdade? É a justa apreciação das coisas e dos fatos, de seu desenvolvimento ou da lógica natural que se manifesta neles. É a conformidade mais severa possível do movimento do pensamento com o do mundo real, que é o único objeto do pensamento. Portanto, todas as vezes que o homem raciocinar sobre as coisas e sobre os fatos sem se preocupar com suas relações reais e com as condições reais de seu desenvolvimento e de sua existência; ou então quando construir suas especulações teóricas sobre coisas que não existiram jamais, sobre fatos que não puderam ocorrer nunca e que possuem apenas uma existência imaginária, fictícia, na ignorância e na estupidez histórica das gerações passadas, será derrotado necessariamente, por poderoso pensador que seja. (BAKUNIN, 2014, p.363-364)

Nesse sentido, qualquer forma de especulação sobre uma causa primeira, a autoridade divina, a imortalidade da alma, o dualismo metafísico das substâncias, ou qualquer hipótese de caráter idealista e misantropo¹⁹ deve ser extirpada do seio da

¹⁸ Trata-se de um apêndice à obra *Império Knuto-germânico e a revolução social*, do mesmo ano. O manuscrito foi interrompido, deixando inconclusa sua quinta parte, “Filosofia, ciência”.

¹⁹ “Pois o cristianismo, como eu acabo de provar, é a negação absoluta e sistemática da moralidade, da dignidade, da caridade, dos direitos e dos deveres do homem. [...] quem fala sobre religião, fala sobre

filosofia, sob o risco de condená-la a um trabalho inócuo. As únicas questões que devem ser realmente adotadas e estudadas pelo homem são aquelas que dizem respeito ao *nosso* mundo, as questões humanas e terrestres, que se apresentam à nossa razão sob a forma de infinitude - não no sentido da abstração religiosa, onisciente, onipresente e onipotente, mas como uma imensidão infinita de detalhes que nenhuma filosofia e nenhuma ciência jamais poderão esgotar.

A discussão a respeito da ordem do mundo e da existência dos seres é de fundamental importância para o estudo da filosofia de Bakunin, pois nos revela duas características fundamentais de sua teoria e de seu método: a totalidade e o naturalismo.

1. A natureza, causalidade universal

Referir-se à filosofia de Bakunin classificando sua ontologia como naturalista significa reconhecer que a base principal sobre a qual se assenta o desenvolvimento dessas elaborações filosóficas é, justamente, o conceito de natureza.

Bakunin trabalha esse conceito de modo amplo, conferindo-lhe um caráter totalizante, pois assume a natureza como sinônimo de totalidade das coisas, fatos e fenômenos existentes. A natureza seria então o imenso conjunto das transformações reais das coisas que se produzem e reproduzem incessantemente em seu seio. Trata-se de assumir a existência de um complexo emaranhado de inter-relações entre todos os elementos do real, constituído por todas as ações e reações produzidas continuamente por todas as coisas, combinadas em um movimento geral, de caráter único. O motor desse movimento é a transformação, de modo que os processos perpétuos de transformação de cada coisa agem sobre todo o resto, incidindo sobre a totalidade e, simultaneamente, sendo influenciados por sua reação. Dessa forma, a totalidade das coisas existentes é efeito da ação simultânea de uma infinidade de causas particulares e das transformações incessantes de todas as coisas que existem. O universo se produz no movimento de incidência de múltiplas causas, umas sobre as outras, pois esse movimento determina a configuração física, química, geográfica e mecânica do planeta, toda a existência biológica – a vida vegetal e animal - e todo o mundo humano.

empobrecimento da terra para o céu – e quem transporta a realização dos destinos humanos para o céu, condena necessariamente a terra e, com ela, o homem vivo e real, à degradação, à miséria e à escravidão.” (BAKUNIN, 2014, p.83)

Todas as coisas finitas são causadas por algo além de si mesmas, de modo que a natureza, ao mesmo tempo causa e efeito, é a própria causalidade universal. Essa concepção de natureza refuta por completo a argumentação cosmológica, pois não dá lugar à possibilidade de existência de uma causa sem causas.

É claro que a solidariedade universal, explicada desse modo, não pode ter o caráter de uma causa absoluta e primeira; não é, ao contrário, mais que um efeito, produzido e reproduzido sempre pela ação simultânea de uma infinidade de causas particulares, cujo conjunto constitui precisamente a causalidade universal, a unidade composta, sempre reproduzida pelo conjunto indefinido das transformações incessantes de todas as coisas que existem e, ao mesmo tempo, criadora de todas as coisas; cada ponto atuando sobre o todo (eis aí o universo produzido), e o todo atuando sobre cada parte (eis aí o universo produtor ou criador). (BAKUNIN, 2014, p.340)

É possível observar a existência de certa ordem na natureza, verificável a partir da repetição constante dos mesmos fenômenos sob as mesmas circunstâncias – ou ainda, a reprodução constante dos mesmos fatos pelos mesmos procedimentos - e, quando sob a influência de novas circunstâncias, esses mesmos fenômenos se modificam de maneira também regular. Daí apreende-se a existência de leis naturais: leis que regem a existência de todas as coisas, inerentes a elas, determinando seus modos particulares de transformação e ação. Certas leis são inerentes à matéria, de modo que todas as coisas materiais - ou seja, que possuem existência real -, por infinitamente diversas que sejam, estão sujeitas ao governo dessas leis, como as leis do equilíbrio, da gravidade, do calor, da composição e decomposição dos corpos, entre outras. Além destas, existem leis que são próprias apenas a certos tipos de fenômenos, formadas entre sistemas e grupos particulares, como as leis da organização vegetal, que diferem das leis da organização animal, que também diferem das leis do desenvolvimento social do homem. A lei suprema da natureza é o conjunto de todas as leis particulares.

É essa mesma causalidade universal, inconsciente, fatal e cega, é esse conjunto de leis mecânicas, físicas, químicas, orgânicas, animais e sociais, o que impulsiona todos os animais, inclusive o homem, à ação, e é este o verdadeiro, o único criador do mundo animal e humano. Aparecendo em todos os seres orgânicos e vivos como um conjunto de faculdades ou de propriedades, das quais umas são inerentes a todos e outras somente próprias a espécies, a famílias ou a classes particulares, ela [a causalidade] constitui, de fato, a *lei fundamental da vida* e imprime em cada animal, inclusive o homem, essa tendência fatal a realizar por si mesmo todas as condições vitais de sua própria espécie, quer dizer, a satisfazer todas as suas necessidades. (BAKUNIN, 2014, p.371)

A razão humana é capaz de entender os fatos e fenômenos da natureza por via da constatação empírica de sua existência, de suas propriedades, de suas relações e ações que exercem sobre outros elementos reais, ou seja, o homem é capaz de conhecer realmente um fenômeno ou fato natural constatando as diversas fases de seu desenvolvimento, ou seja, reconhecendo sua lei natural. Anteriormente ao desenvolvimento da humanidade existiam somente fatos naturais e processos regulares, o que significa dizer que é o próprio pensamento humano que confere aos processos naturais a forma de leis. Sobre isso, é importante ressaltar que a subjetividade humana organiza a forma desses processos, mas não os estabelece, visto que sua origem está na própria materialidade, de modo que não se pode conferir às leis naturais uma existência própria que esteja além da existência dos seres reais, afinal “elas mesmas não constituem nenhum ser imaterial ou à parte, sendo eternamente aderentes às transformações da matéria inorgânica, orgânica e animal, ou melhor, não sendo elas nada além destas transformações regulares do ser único, da matéria” (BAKUNIN, 2014, p.378).

A natureza particular de uma coisa não pode ser reconhecida apenas pela soma das causas que a produziram, pois também é preciso observar suas diferentes manifestações e ações que exerce pra além de si. Tudo o que existe, só existe no movimento de ação e reação incessante sobre outras coisas do mundo real, ou seja, as propriedades de um elemento da natureza, seu movimento e o seu fazer são determinantes fundamentais de seu ser. A ação seria, então, a categoria ontológica fundamental para Bakunin:

Tudo o que chamamos de propriedades das coisas: propriedades mecânicas, físicas, químicas, orgânicas, animais, humanas, não são nada além de diferentes modos de ação. Toda coisa é uma coisa determinada ou real apenas pelas propriedades que ela possui; e ela as possui apenas enquanto as manifesta, já que as propriedades determinam as suas relações com o mundo exterior; disto resulta que toda coisa só é real enquanto se manifesta, enquanto age. A soma das suas ações diferentes, eis aí todo o seu ser. (BAKUNIN, 2014, p.430)

2. Humanidade e animalidade

As leis específicas do desenvolvimento da espécie humana não se encontram em nenhum outro modo de vida, mas todas as leis do mundo vegetal e animal se encontram, de algum modo, modificadas e desenvolvidas no mundo humano.

Particularmente, os animais humanos são os únicos capazes de tomar consciência das leis que os regem. A constatação dessas leis pelo ser humano é possível através da observação dos fenômenos, mas a real compreensão destas só é possível a partir da capacidade de abstração e generalização (processo no qual se distingue o que é acidental e variável daquilo que é sempre reproduzido). Essa faculdade permite a elevação de um conjunto de coisas inferior a um conjunto superior, conduzindo à compreensão da hierarquia natural dos seres e fenômenos, cuja orientação vai sempre do simples ao complexo.

O impulso de conhecer o mundo é uma necessidade propriamente humana. O despertar e a capacidade de satisfazer progressivamente a necessidade de saber são justamente o que distingue o homem das demais espécies animais. O ser humano necessita conhecer a si, o que só é possível ao conhecer também a natureza exterior, da qual é produto. O mundo propriamente humano é inaugurado quando o homem, penetrando com seu pensamento todas as esferas da realidade, compreende e supera a fatalidade do mundo exterior.

O mundo exterior, do qual todas as espécies dependem por completo, é um ambiente sempre hostil. A severidade das condições do ambiente natural impõe a todas as espécies um estado de constante luta pela sobrevivência, uma luta perpétua pela preservação da vida. A fatalidade natural que cria todos os seres é também responsável por sua destruição. A harmonia no mundo natural se estabelece pela luta: triunfo de uns e derrota e morte de outros, em que os fortes vivem e os fracos sucumbem. Tal é a condição de todos os seres vivos – uma vida de combates.

Considerado desse ponto de vista, o mundo natural nos apresenta o quadro mortífero e sangrento de uma luta encarniçada e perpétua, da luta pela vida. Não é somente o homem que combate: todos os animais, todos os seres vivos, digo mais, todas as coisas que existem e que levam em si o germe de sua própria destruição e, por assim dizer, seu próprio inimigo, - essa mesma fatalidade natural que os produz, os conserva e os destrói, ao mesmo tempo, em seu seio -, lutam como ele, pois toda categoria de coisas, toda espécie vegetal e animal, só vive em detrimento das demais; uma devora a outra, de modo que, como eu disse em outro lugar, o mundo natural pode ser considerado como uma sangrenta hecatombe, como uma tragédia sombria criada pela fome. É palco constante de uma luta sem quartel. (BAKUNIN, 2014, p.348).

Daí desdobra-se que vida individual e social do homem é a continuação imediata da vida animal, diferenciada e complexificada pelo pensamento.²⁰ O desenvolvimento da razão propicia a emergência do homem da condição de animalidade a uma nova condição, propriamente humana. Nesse sentido, todas as manifestações humanas – políticas, econômicas, sociais, intelectuais e morais – são, ao mesmo tempo, a determinação final e a negação da animalidade no homem.

A faculdade de abstração permite ao homem elevar-se acima das imposições do mundo exterior, observando, comparando e aos poucos compreendendo as relações entre os objetos – assim se inicia a ciência experimental. Essa mesma potencialidade permite que o homem seja também objeto de seu próprio pensamento, comparando, ordenando e criticando suas próprias necessidades, elevando-se acima das determinações naturais interiores, como os instintos e apetites, e tornando-se capaz de escolher entre elas segundo as circunstâncias e os ideais da sociedade. A essa capacidade chamamos vontade.

Apesar das imensas diferenças entre o mundo animal e o mundo humano, os pontos fundamentais da existência dos seres humanos coincidem com os dos outros animais: nascer, desenvolver-se, trabalhar para viver, preservar sua vida e morrer. Para o homem, acrescenta-se a faculdade de pensar e conhecer; acrescenta-se a vontade. Para manter sua existência e desenvolver-se em sua plenitude, o homem, assim como qualquer outra espécie, realiza trabalho. A fim de garantir sua existência, todos os seres vivos são forçados a se colocar em movimento, a agir e criar no ambiente as condições favoráveis a sua sobrevivência. O trabalho é a lei suprema da vida animal.

Daí também resulta, para o animal, a necessidade de lutar durante toda a sua vida contra os perigos que o ameaçam de fora; de sustentar sua existência própria, enquanto indivíduo, e sua existência social, enquanto espécie, em detrimento de tudo o que o rodeia: coisas, seres orgânicos e vivos. Daí, para os animais de qualquer espécie, a *necessidade do trabalho*. (BAKUNIN, 2014, p.374-375)

Todos os seres trabalham e somente por isso vivem. Porém, há uma distinção enorme entre o trabalho humano e o das demais espécies: o trabalho dos animais não se desenvolve; não se aperfeiçoa, pois sua inteligência é estacionária, ao contrário da

²⁰ A própria razão é também o produto de novas relações causais operantes no nível da matéria orgânica, especificamente nas estruturas do cérebro humano.

inteligência humana que permite um desenvolvimento perfectível do trabalho, tanto em seus métodos quanto em seus produtos.

Iluminado pela ciência e dirigido pela vontade abstratamente reflexiva do homem, o trabalho animal, ou essa atividade fatalmente imposta a todos os seres vivos, como uma condição essencial de sua vida – atividade que tende a modificar o mundo exterior segundo as necessidades de cada um, e que se manifesta no homem com a mesma fatalidade que no último animal desta terra -, se transforma, não obstante, para a consciência do homem, em um trabalho inteligente e livre. (BAKUNIN, 2014, p.372)

O trabalho só se torna propriamente humano quando deixa de atender apenas às necessidades fixas das espécies e passa a atender também às necessidades do indivíduo pensante, que tende a realizar-se plenamente e conquistar sua liberdade.²¹ A combinação da atividade nervosa e do trabalho muscular, através da aplicação do pensamento ao trabalho, dá origem ao mundo propriamente humano. Nesses termos, o trabalho inteligente, reflexivo e criador adquire uma dimensão ontológica.

O ser humano só se torna propriamente humano ao romper com a escravidão do mundo exterior. A inteligência progressiva da qual o homem é dotado permite a compreensão das leis que regem o desenvolvimento de todos os fenômenos naturais e, a partir disso, essas mesmas leis podem ser utilizadas em proveito da realização dos objetivos humanos. Através da observação e do conhecimento das leis da natureza, ou seja, através do desenvolvimento da ciência das leis naturais, o homem é capaz de sujeitá-la. Dotado dessas faculdades particulares, o homem pode, por meio da ciência e do trabalho, se livrar da dependência quase absoluta do meio externo e, mais ainda, subjugar-lo, fundando sobre ele sua humanidade e sua liberdade.

Último produto da natureza sobre a Terra, o homem continua, por assim dizer, através de seu desenvolvimento individual e social, a obra, a criação, o movimento e a vida desta. Seus pensamentos e atos mais inteligentes, mais abstratos e, enquanto tais, mais afastados daquilo que chamamos comumente de natureza, não são nada além de criações ou manifestações novas desta. [...] Porém, ao estudar suas leis, ao se identificar, de certa forma, com estas, ao transformá-las através de um procedimento psicológico, próprio ao seu cérebro,

²¹ “Os homens começam como os brutos, devoram-se mutuamente. Depois se reconhecem como irmãos, respeitam-se e se amam em sua mútua liberdade. Esta longa e sucessiva transição da escravidão à liberdade, à grande, à perfeita, à real liberdade – eis aí todo o sentido da história. Ser livre é o direito, o dever, toda a dignidade, toda a felicidade, toda a missão do homem.” (BAKUNIN, 2014, p.86)

em ideias e convicções humanas, ele se emancipa da tripla dominação que lhe impõem, primeiro, a natureza exterior, [e depois], sua própria natureza individual interior, e a sociedade da qual é produto. (BAKUNIN, 2014, p.381)

3. A sociedade

Bakunin se contrapõe ferrenhamente às teses inatistas adjacentes a filosofias racionalistas, como a de Descartes, que entendem que os sujeitos são dotados de dons divinamente justificáveis, com sua personalidade, crenças, hábitos e condutas formados já ao nascimento, sem possibilidade de mudança substancial dessa determinação biológica ou de interferências significativas do meio social.

Ao contrário, o pensador russo defende que um indivíduo, ao nascer, não possui sentimentos ou qualidades morais inatas, sendo dotado apenas de faculdades anatômicas e fisiológicas. Considerando a impossibilidade de que conhecimentos e sentimentos sejam congênitos, ou seja, inteiramente determinados pelas estruturas orgânicas, a sociabilidade é identificada como a fonte de transmissão dos valores e das ideias²² que se estabelecem como hegemônicas e governam um grupo social.

As associações de sentimentos e de ideias, cujo desenvolvimento e cujas transformações sucessivas constituem toda a parte intelectual e moral da história da humanidade, não determinam, no cérebro humano, a formação de novos órgãos, correspondentes a cada uma, tomada à parte, não podem ser transmitidas aos indivíduos por via de herança fisiológica. O que se herda fisiologicamente é a aptidão cada vez mais fortificada, ampliada e aperfeiçoada de concebê-las e de criar novas associações. Mas estas associações e as ideias complexas que as representam, tais como a ideia de Deus, da pátria, da moral etc., nunca podendo ser inatas, só são transmitidas aos indivíduos pela via da tradição social e da educação. (BAKUNIN, 2012, p.87)

Procuramos provar que os vícios, tanto quanto as qualidades morais, feitos de consciência individual e social, não podem ser fisicamente herdadas e nenhuma determinação fisiológica pode condenar o homem ao mal ou torná-lo irrevogavelmente incapaz do bem; mas não pensamos de forma alguma em negar que existam naturezas muito diferentes, dentre as quais umas, mais felizmente dotadas, não sejam mais capazes de um amplo desenvolvimento humano que as outras. Pensamos que se exageram muito nos dias de hoje as diferenças naturais que separam os indivíduos, e que é preciso atribuir a maior parte das que existem entre eles, não tanto à natureza quanto à educação diferente que foi dada a cada um. (BAKUNIN, 2012, p.88)

²² Chamamos ideias às conclusões originadas a partir da comparação, combinação e memorização de diversas noções abstratas dos objetos exteriores à consciência, visando à constatação e explicação de um fato existente.

O meio social produz, no indivíduo humano, uma influência imensamente poderosa, proporcional àquela produzida pela natureza exterior nos animais de outras espécies. As ideias e valores sociais penetram de diversas formas a consciência inicialmente infantil do homem, influenciando-a durante todo seu desenvolvimento. Começando a vida apenas como um organismo vivo, desprovido de consciência e completamente determinado por uma infinidade de circunstâncias e condições anteriores ao seu próprio nascimento, o indivíduo humano possui inicialmente apenas uma maior ou menor capacidade de assimilar as ideias e sentimentos que lhe serão transmitidos por herança social e modificados ao longo da vida. Nesse sentido, ao longo do desenvolvimento de sua consciência e de sua vontade, o homem é formado pelo meio social através da instrução, da orientação moral, dos exemplos e, da mesma forma, por tudo aquilo que percebe do mundo exterior, natural e social, de acordo com o que lhe proporcionam suas condições de vida.

Podemos afirmar, então, que Bakunin estabelece que a origem da subjetividade humana seja a combinação das capacidades biológicas de cada indivíduo particular e das influências do meio social em que este se criou. A sociedade se faz presente dentro e fora dos indivíduos que a compõe, envolvendo-os e tomando parte na constituição de seu ser.

Tomando a educação no sentido mais amplo desta palavra, incluindo nela não somente a instrução e as lições de moral, mas ainda e sobretudo os exemplos que dão à criança todas as pessoas que a cercam, a influência de tudo o que ela entende, do que ela vê, e não somente a cultura de seu espírito, mas ainda o desenvolvimento de seu corpo pela alimentação, pela higiene, pelo exercício de seus membros e de sua força física, diremos com plena certeza de não podermos ser seriamente contraditados por ninguém; que toda criança, todo adulto, todo jovem e finalmente todo homem maduro é o puro produto do mundo que o alimentou e que o educou em seu seio (BAKUNIN, 2012, p.87)

Desse modo, pode-se assumir que o indivíduo humano tem sua existência determinada por dois fatalismos: o fatalismo natural, que impõe condições a partir da construção orgânica e da herança fisiológica, e o fatalismo social, cujas imposições se originam da herança social e da organização política, econômica e social de cada povo e de cada país. Observa-se, então, que a conformação da subjetividade, na teoria de Bakunin, se dá a partir da associação de fatores biológicos e sociais, ou seja, é resultado da ação simultânea de diferentes elementos da realidade.

Os fatores naturais, ou o desenvolvimento da matéria orgânica que culmina na conformação da estrutura fisiológica propriamente humana, e os fatores sociais, como as tradições, os valores e as condições econômicas e políticas de um determinado período, são inter-relacionados para compreender a constituição das individualidades.

Do mesmo modo que o ser humano considerado individualmente, a associação humana, na teoria de Bakunin, se semelha a todas as associações animais, sendo um produto imediato dos desenvolvimentos da natureza, das relações naturais entre seres humanos. A sociedade é o modo natural de existência da coletividade humana.

Na contramão das teses contratualistas que atribuem a origem da sociedade humana a um contrato tácito estabelecido entre indivíduos autônomos, Bakunin defende que os seres humanos não criam voluntariamente a sociedade, ao contrário, são involuntariamente produto dela. A humanidade é ontologicamente social.

As únicas leis que regem desde o início a formação da sociedade são as leis naturais - inerentes aos corpos orgânicos e sociais e independentes dos indivíduos que compõem as associações. Isso significa que a sociedade existe antes mesmo do despertar da razão e da vontade humana, se colocando para os animais humanos como uma necessidade instintiva, assim como a que impulsiona os animais selvagens, uma lei de solidariedade natural que orienta as espécies a se agruparem e se conservarem coletivamente. O instinto de conservação da espécie estabelece a sociabilidade como condição de sobrevivência da humanidade, como lei que se coloca acima da vontade dos indivíduos, como determinação da natureza sobre a sociedade. Segundo Bakunin, “o homem é, instintiva e fatalmente, um ser social” (BAKUNIN, 2014, p.87).

Desta sociabilidade natural resulta a solidariedade entre os homens, que possibilita a produção e o desenvolvimento coletivo das ideias e estruturas constituintes das agrupações sociais. Assim como a partir do movimento natural de desenvolvimento das estruturas cognitivas do animal humano surge a faculdade formal de conceber pensamentos, é a partir do desenvolvimento do trabalho coletivo nas diferentes fases do desenvolvimento histórico da humanidade que se consolida o pensamento coletivo de uma sociedade.

Através da palavra, as ideias elaboradas se fixam no espírito do homem e se transmitem de uns a outros, de modo que as noções individuais sobre as coisas, as ideias individuais de cada um, ao se

encontrarem, ao se controlarem e ao se modificarem mutuamente, e confundindo-se, harmonizando-se em um só sistema, acabam por formar a consciência comum ou o pensamento coletivo de uma sociedade de homens mais ou menos extensa, pensamento sempre modificável e sempre impulsionado para frente pelos trabalhos novos de cada indivíduo; e, transmitido pela tradição de uma geração a outra, esse conjunto de imaginações e de pensamentos, enriquecendo-se e estendendo-se mais e mais pelo trabalho coletivo dos séculos, forma em cada época da história, em um meio social mais ou menos extenso, o patrimônio coletivo de todos os indivíduos que compõem esse meio. (BAKUNIN, 2014, p.353)

As ideias e representações consolidadas na consciência coletiva de um grupo social convertem-se em causas produtivas de novos fatos sociais, capazes de modificar a vida, os costumes e as instituições estabelecidas, agindo diretamente na origem de todas as relações sociais. Diante disso, assumindo que a razão e as ideias são traços essenciais da humanidade nos homens e que as relações sociais experimentadas são fundamentais para a construção do indivíduo enquanto sujeito ativo da coletividade social, estabeleceu-se que a própria humanidade realiza-se progressivamente no indivíduo humano através do desenvolvimento coletivo do meio social.

A sociedade, como produto do mundo natural e, simultaneamente, como produtora das formas de pensamento e das instituições, é assumida por Bakunin como categoria fundamental, que cumpre papel central em sua teoria, como base constitutiva de seu método analítico de caráter materialista.

Considerações Finais: naturalismo e materialismo

Toda a filosofia idealista parte da concepção de que o pensamento precede a existência, de modo que a subjetividade é eleita como causa fundante da realidade objetiva, o que denota que essas correntes filosóficas partem de uma matriz antropocêntrica e adotam um método especulativo. A filosofia de Bakunin se contrapõe a essas teses ao compreender que o real, a vida, ou ainda, a natureza precede a subjetividade humana, estabelecendo a materialidade como ponto de partida de toda forma de existência.

Bakunin compreende a existência de uma diretiva geral, uma tendência natural no desenvolvimento dos fenômenos. Trata-se de um movimento universal que parte do simples ao complexo, dos detalhes à complexidade, evidenciando uma coerência lógica intrínseca aos processos da natureza. Com base nesse entendimento, seu método

materialista propõe que a análise da realidade seja feita a partir de uma rigorosa observação dos elementos e da lógica da causalidade universal. Desse modo, a ação concreta dos fenômenos e seres naturais seria o ponto de partida para o desenvolvimento das ideias - que devem, necessariamente, refletir e acompanhar o movimento do real. Os fatos naturais e sociais precedem sempre, necessariamente, as ideias.

De acordo com a concepção filosófica de Bakunin, não pode haver nenhuma causa anterior à existência do mundo natural, pois todas as causas derivam de sua materialidade. A matéria e a natureza se identificam, de modo que a totalidade do mundo real pode ser chamada abstratamente de matéria. Cabe salientar que não se trata aqui de uma concepção limitada de materialidade, que abrange meramente as coisas que possuem existência concreta, pois, ao contrário, tanto a natureza quanto a materialidade existem enquanto totalidade de possibilidades, enquanto potencialidade. A matéria não é apenas o que é, mas também o que pode ser. Partindo dessa compreensão, que estabelece uma identidade entre a natureza e a matéria, o filósofo Paul McLaughlin sugere que naturalismo e materialismo, na obra de Bakunin, devam ser considerados sinônimos (2002, p.106).

Eternamente ativa, todo-poderosa, fonte e resultado eterno de tudo que existe, de tudo o que nasce, age e reage, depois morre em seu seio, esta universal solidariedade, esta causalidade mútua, este processo eterno de transformações reais, tanto universais quanto infinitamente detalhadas, que se produzem no espaço infinito, a *natureza* criou, entre uma quantidade infinita de outros mundos, a nossa terra, com toda a escala de seus seres, desde os mais simples elementos químicos, desde as primeiras transformações da matéria com todas as suas propriedades mecânicas e físicas, até o homem. (BAKUNIN, 2014, p.385-386)

Nesses termos, a filosofia de Bakunin se constitui a partir de uma ontologia naturalista e um método materialista de análise da realidade, dois elementos que se sustentam mutuamente, se fundem e se identificam no interior de um sistema teórico totalizante - uma teoria do desenvolvimento multifocal, uma teoria da ação.

Referências

ABRUNHOSA, Rafael. **Da Vontade à Liberdade: Ciência, Trabalho e Educação em Mikhail Bakunin**. Monografia – UFC. Fortaleza, 2013.

BAKUNIN, Mikhail. **Federalismo, Socialismo e Antiteologismo**. s.l: s.n., 2012. Disponível em: <https://uniaoanarquista.files.wordpress.com/2012/09/sc3a9rie_ba-fsat.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2015.

_____. **Programa de uma sociedade internacional secreta da emancipação da humanidade**. In: FERREIRA, Andrey Cordeiro; TONIATTI, Tadeu Bernardes de Souza (Org.). De baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin. Niterói: Alternativa, 2014. p. 65-119.

_____. **Considerações filosóficas sobre o fantasma divino, o mundo real e o homem**. In: FERREIRA, Andrey Cordeiro; TONIATTI, Tadeu Bernardes de Souza (Org.). De baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin. Niterói: Alternativa, 2014. pp. 339-446.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. **Materialismo, Anarquismo e Revolução Social: O bakuninismo como filosofia e como política do movimento operário e socialista**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27. 2013, Natal. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364431983_ARQUIVO_MaterialismoeAnarquismo_final.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2015.

MCLAUGHLIN, Paul. **Mikhail Bakunin: The philosophical basis of his anarchism**. 2002. Disponível em: <<http://www.mediafire.com/view/?96x2w85k1fp2kxm>>. Acesso em: 09 mar. 2015.